

ECONOMIA / Com dificuldade em conseguir linha de crédito para o pré-custeio da produção, empresários do setor estimam um plantio, em média, 30% menor em 2015-2016. Os efeitos deverão ser sentidos no bolso do consumidor

30%

Previsão na queda de produção no Distrito Federal em 2015

15%

Varição negativa dos valores das culturas no mercado

Produtores preveem queda na safra do DF

» THIAGO SOARES

A incerteza da economia brasileira chegou à lavoura do Distrito Federal. A dificuldade para conseguir créditos, os juros altos e a falta de investimentos no setor já repercutem na produção local. A estimativa do Sindicato Rural do Distrito Federal é que a safra 2015-2016 tenha queda de 30% em relação à de 2014-2015. O produtor do Plano de Assentamento Dirigido do DF (PAD-DF) João Carlos Jorgueira, 47 anos, colheu a última plantação; porém, devido aos empecilhos econômicos, a próxima ainda é incerta. Assim como muitos outros agricultores, ele ainda não garantiu a compra de insumos fundamentais para o desenvolvimento da lavoura. "Os bancos estão mais exigentes. Não há recursos nem linhas de créditos para serem liberados. Isso dificulta o nosso trabalho", explicou Jorgueira. Nesse mesmo período do ano passado, os produtores estavam com os pré-custeios garantidos para a safra seguinte.

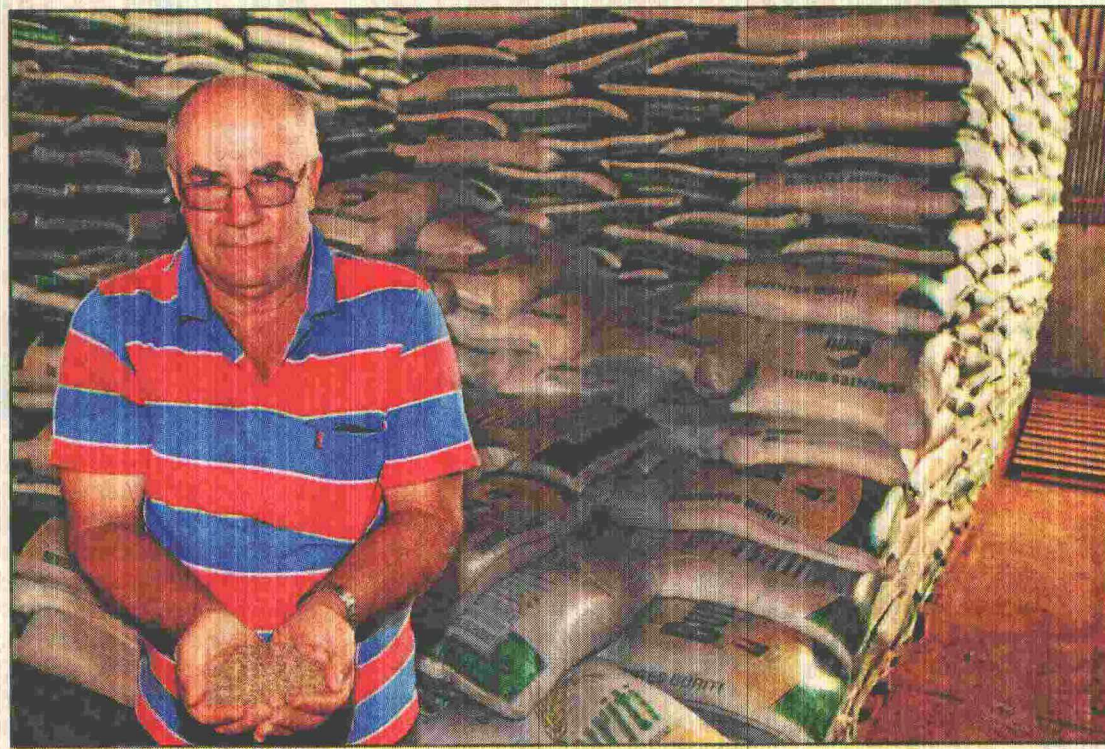
Mesmo a agricultura sendo fundamental para alimentação humana e alguns economistas apontarem que esse seria o único setor não atingindo pela crise econômica atual, alguns itens essenciais para o desenvolvimento das lavouras tiveram alta nos preços, a exemplo da energia elétrica, o combustível, os produtos agrícolas e a mão de obra. A isso se soma o fato de as instituições financeiras estarem mais exigentes na hora de liberar as linhas de créditos. "O que mais encareceu os custos foram os altos juros e o aumento de produtos para pré-produção. O valor de venda dos grãos no mercado não é suficiente para cobrir os gastos. A tendência é ficarmos sem lucro algum", acrescenta João Carlos Jorgueira. Além dos hectares de sorgo, um dos cereais mais consumidos em países da Europa, ele trabalha com milho e soja. A falta de definição sobre a próxima safra, de acordo com Jorgueira, acontece no DF e em todo o país. "Uma insegurança, mas não podemos deixar de plantar."

Produtor do Núcleo Rural Tabatinga, em Planaltina, Genésio Miller, 67 anos, comprou mais de 14 mil quilos de sementes de trigo com recursos próprios. "É um aperto necessário no orçamento. Não posso deixar de produzir", comentou. Ele, como a maioria dos produtores, trabalha com a prática de rotação, em que a mesma área é usada para o cultivo de outras culturas. Os 70 hectares estão sendo preparados para o trigo. As compras de defensivos agrícolas e adubos somam-se aos

Fotos: Claudio Reis/Esp. CB/D.A Press



João Carlos Jorgueira, do PAD-DF, ainda não comprou os insumos básicos para o plantio da próxima lavoura: incerteza



A safra passada foi ruim, e isso já afetou o caixa. Somente de feijão, perdi 100 hectares. As vendas do milho também não foram suficientes para cobrir os custos de produção"

Genésio Miller,
produtor do Núcleo Rural
Tabatinga, em Planaltina

gastos. Miller desembolsou R\$ 1 mil para cada hectare. "A safra passada foi ruim, e isso já afetou o caixa. Somente de feijão, perdi 100 hectares. As vendas do milho também não foram suficientes para cobrir os custos de produção", acrescentou.

O Sindicato Rural do Distrito Federal estima que quem pagará a conta final é o consumidor, que desembolsará mais para ter os produtos na mesa. "Será um ano de plantio caro", prevê o presidente da instituição, Luiz Ângelo Cappellesso. Além da ausência de pré-custeio, os valores da soja

e do milho despencaram no mercado. "Estamos enfrentando o alto custo e também a variação de preços. A produção no DF deve sofrer queda de 30%." Ele avalia a situação como preocupante. "A maioria dos produtores investiu no passado e precisa pagar as dívidas. Sem plantar, não é possível quitar os débitos."

O secretário de Agricultura e Desenvolvimento Rural, José Guilherme Leal, explicou que as dificuldades ocorreram, principalmente, por conta de as instituições financeiras não terem liberado no início do ano a linha

de pré-custeio. "O atraso impediu que o produtor comprasse os produtos em melhores condições. A situação pode melhorar com o lançamento do Plano Safra Nacional. Mesmo assim, isso pode afetar no custo de produção. O agricultor ganhar menos pelo o que está produzindo, em razão de ter gastado mais com os insumos", explicou. De acordo com José Guilherme, para evitar uma situação insustentável, a pasta negociou com o Banco Regional de Brasília (BRB) para que a linha de crédito fosse liberada. O BRB, por meio da Assessoria de Imprensa,

respondeu que continua a operar as linhas de crédito rural.

O DF conta com uma área de plantio de 580 mil hectares. Entre eles, 55 mil são de soja; 42 mil, de milho; 15 mil, de feijão; 6,1 mil, de sorgo e 800 de trigo. Em 2014, alcançou o posto de 24º produtor agrícola do país, sendo o primeiro de milho e trigo, e o segundo de soja. A produção de feijão varia entre o segundo e o terceiro lugares do Brasil. Apesar de ter uma área pequena de produção, os agricultores locais contam com tecnologias de ponta para o plantio.